

➤ **Texto 1**

**DIGA TRINTA E TRÊS**

**1** Trinta e três. Quem diria. A adolescência foi na última quinta, ainda há resquícios dela na estante de CDs, no seu vocabulário, num canto do armário – uma camisa xadrez que não vê a luz do sol desde um show do Faith No More, em 1997 –, mas são resquícios. Vez ou outra você está no supermercado, comprando saco de lixo, queijo minas light e amaciante, e vê uma turma de garotos e garotas carregando

**5** garrafas de Smirnoff Ice e sacolas de Doritos. Você olha para as franjas lambidas dos meninos, para os piercings das meninas e percebe, meio assustado, que aquele é um mundo distante. Sente alguma vergonha do seu carrinho.

Diga trinta e três: trinta e três. Diga: o que você fez? A essa altura da estrada, uma parada é inevitável. Você desce do carro, contempla a vista do mirante. Não é um olhar para trás, como devem fazer

**10** os velhos, ao fim da vida – ou devem evitar fazê-lo, dependendo –, mas um olhar em volta: isso aqui sou eu. Daqui pra frente, não vai mudar muito, vai? Já deu tempo de descobrir que você não é um gênio da matemática, nem um fenômeno da ginástica olímpica.

Trinta e três anos. A idade de Cristo, alguém diz, e você logo pensa, repetindo um dos cacoetes de sua faixa etária: o que ele já tinha alcançado com a minha idade? Bom, tinha transformado água

**15** em vinho, multiplicado peixes e pães, andado sobre as águas, levantado defuntos e conquistado uma multidão de fiéis em toda Judeia, Galileia, Samaria, Efraim e arredores. E você, que não tem nem casa própria? Também, naquele tempo era mais fácil – você tenta se consolar –, não tinha tanta concorrência e, oras, o cara era filho de Deus, o que não só abre portas, abre até o Mar Vermelho! Mas você se compara, mesmo assim: Jesus deve ter andado sobre as águas com o quê? Dezesete? Orson Welles fez *Cidadão*

**20** *Kane* com vinte e cinco. Rimbaud escreveu toda a obra até os dezenove! E você tão feliz por ter conseguido mais quinze seguidores no Twitter...

(O lance do Mar Vermelho... Foi com Jesus ou com Moisés? Céus, trinta e três anos e você não sabe uma coisa dessas? Será que um dia vai saber? Quando tem treze, ou vinte e três, acha que uma hora vai aprender tudo o que não sabe, basta ficar parado que as coisas naturalmente virão e entrarão na

**25** sua cabeça. Agora você percebe que talvez passe a vida ignorando certos assuntos. Mar Vermelho. As regras do gamão. Francês.)

Pense: um homem. Pense: uma mulher. Adultos, no sentido mais abstrato, como um casal num livro de inglês ou num vídeo de normas de segurança do Detran. Espécimes maduros do *Homo sapiens*

*sapiens*: eles devem ter a sua idade. Talvez tenham filhos. Você tem filhos, ou ainda não? Repare no “ainda não”, pois, de todas as coisas que você não conquistou até agora, há que saber discernir entre as que podem vir acompanhadas por um “ainda não” e aquelas das quais é melhor desistir. Andar sobre as águas, gênio da matemática, fenômeno da ginástica olímpica: não é pra todo mundo. E aos trinta e três anos, meu chapa, é hora de admitir: você é todo mundo. Sei que é difícil. Viu filmes da Sessão da Tarde demais, propagandas da Nike demais, foi mimado demais para admitir que Deus não passou mais tempo moldando a sua fôrma do que a do vizinho do 71. É a não compreensão desse banal infortúnio que faz com que haja em tantos rostos de sua idade um brilho opaco, um fungo que brota onde o sol não bate forte o suficiente: o ressentimento.

Acredite em mim: aos trinta e três anos, de Jesus pra baixo, todo mundo é ressentido. Não é que as pessoas vivam vidas ruins, as aspirações é que são muito altas. A Sessão da Tarde, as propagandas da Nike... Seu emprego é bom, mas o salário é ruim. O salário é bom, mas o chefe é mala. O chefe é você, mas os prazos não te dão sossego. Sempre tem um cunhado que ganha mais, um vizinho cuja grama é mais verde, o próximo cuja mulher é mais fornida; Jesus, aos trinta e três, o Orson Welles, aos vinte e cinco – e o mau exemplo do Rimbaud eu nem comento.

Trinta e três anos. Você para. Desce do carro. Olha em volta. Você é o que queria ser quando crescesse? Não exatamente? Por que não? Será que dá pra mudar? Quanto dá pra mudar?

É preciso achar lugar no peito para as frustrações. É preciso lidar com o ressentimento e não deixar, em hipótese alguma, que ele se transforme em cinismo – se ressentimento é fungo, cinismo é ferrugem. Agora volte para o carro e siga em frente. Se tudo der certo, você não está nem na metade do caminho.

Diga trinta e três: trinta e três. Quem diria.

PRATA, Antonio. *Meio intelectual, meio de esquerda*. São Paulo: Editora 34, 2010, p. 170-172.

1. Na crônica, qual é o sentido das referências a “carro” e “estrada”? Explique.

***"Carro" e "estrada" nos remetem à concepção metafórica "vida é estrada". Os vocábulos se referem respectivamente à própria pessoa e à vida. Assim, como um carro percorre a estrada, uma pessoa passa/segue pela vida. Em trechos da crônica como: "Você para, desce do carro, olha em volta" ou " Você desce do carro, contempla a vista do mirante", o autor sugere um momento no qual uma pessoa para e reflete sobre a sua vida (sua estrada), o que almejava, o que já alcançou e o que ainda pode realizar e/ou estar por vir.***

2. Releia o último parágrafo do Texto 1.

Diga trinta e três: trinta e três. Quem diria.

Explique o efeito de sentido provocado pelo emprego do verbo “dizer” no imperativo e no futuro do pretérito do indicativo.

***O emprego do verbo dizer no imperativo (diga) reproduz uma ordem, um comando ao interlocutor. Já o emprego do verbo dizer no futuro do pretérito do indicativo (diria) produz um efeito de surpresa do indivíduo ao perceber a passagem do tempo.***

➤ **Texto 2**

### **Pneumotórax**

Febre, hemoptise, dispnéia e suores noturnos.

A vida inteira que podia ter sido e que não foi.

Tosse, tosse, tosse.

Mandou chamar o médico:

— Diga trinta e três.

— Trinta e três . . . trinta e três . . . trinta e três . . .

— Respire.

.....

— O senhor tem uma escavação no pulmão esquerdo e o pulmão direito infiltrado.

— Então, doutor, não é possível tentar o pneumotórax?

— Não. A única coisa a fazer é tocar um tango argentino.

Manuel Bandeira. **Estrela da vida inteira**. 16. ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira. 2000. p. 128.

3. No segundo verso do poema (Texto 2) lê-se:

A vida inteira que podia ter sido e que não foi.

Como podemos relacionar essa frase ao Texto 1?

***Ambos os textos falam sobre o que o personagem não conseguiu fazer ao longo de sua vida. No primeiro texto ele se sente frustrado por se dar conta da efemeridade da vida e assim, não realizar coisas significativas, e na frase acima, tendo em vista seu quadro clínico, o personagem se ressentido do que não poderá mais fazer.***

4. Nos textos 1 e 2, os autores empregaram a frase “Diga trinta e três”. Quais são os sentidos atribuídos a ela em cada texto?

***No primeiro texto, a frase “Diga trinta e três” convida o personagem a refletir sobre a idade e sobre sua trajetória de vida até então. No segundo texto, em um contexto de exame médico, a frase em questão é repetida pelo eu-lírico a pedido do médico, com o objetivo de examinar o personagem, verificando possíveis problemas respiratórios.***

➤ Texto 3



<http://www.estacaosegura.com.br/>

5. Relacione o emprego do advérbio "ainda" na peça publicitária acima ao tema do texto 2:

***No texto 2, a última fala do doutor remete à condição terminal do doente, sendo o "tango argentino" a prescrição irônica para que este aproveite os últimos dias de vida que lhe restam. O emprego do advérbio "ainda", na peça publicitária, revela o pressuposto de que, antes que seja tarde, é fundamental precaver-se contra doenças e acidentes fatais.***